

GEOPOLÍTICA DA FORMAÇÃO: DESENHANDO AS PAISAGENS INFORMACIONAIS DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO NA DOCÊNCIA EM ARTE NO BRASIL

Isabela Frade / Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Ana Alvarenga / Secretaria Municipal da Educação do Rio de Janeiro

RESUMO

Como parte de uma rede de pesquisadores articulados pelo tema da formação docente em artes em cooperação binacional Brasil e Argentina (CAPES MINCyT) pelo convênio entre as universidades UDESC, USP, UERJ, IUNA e LA PLATA (2012/2013) e envolvidos na coordenação geral do grupo carioca (ART/UERJ) levamos à reflexão e divulgação o trabalho de levantamento sobre publicações em periódicos nacionais realizado pelo grupo de pesquisa Observatório de Comunicação Estética (OCE- CNPq), parceria ativa do referido projeto. O objetivo maior desta comunicação é apresentar publicamente alguns resultados parciais do levantamento feito e as primeiras considerações e análises correlatas.

PALAVRAS-CHAVE

ensino de arte; formação docente; periódicos acadêmicos.

RESUMEN

Como parte de una red de investigadores articulada por sobre el tema de la formación del profesorado en artes en cooperación binacional Brasil y Argentina (CAPES/MINCYT) con integración entre las universidades UDESC, USP, UERJ, IUNA y LA PLATA (2012/2013) representamos la coordinación general del grupo investigativo de Río de Janeiro ART/UERJ/BR que busca la reflexión y difusión de encuesta hecha por el grupo de investigación Observatorio de Comunicación Estética (OCE- CNPq) que se convirtió en colaboración activa de dicho proyecto. El objetivo mayor de esta comunicación es presentar públicamente algunos resultados parciales de la recopilación realizada y sus primeras reflexiones correlativas.

PALABRAS CLAVE

enseñanza artística; formación docente; revistas académicas.

Observando o terreno da formação

Com o intuito de identificar o estado da arte da produção de conhecimento no campo da formação do docente em artes em nosso país, a equipe carioca do “Observatório de Formação Docente no Ensino de Artes no Brasil” iniciou, em 2012, o trabalho de reunião de pesquisas sobre formação docente. Nosso universo controlado foi identificado como publicações em periódicos indexados. Enquadrando seu objeto na primeira década do século atual no propósito de desenhar o pensamento emergente na área (FRADE, 2014), fizemos a escolha pelos artigos divulgados em periódicos considerando a referência à CAPES¹ (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) como qualidade acadêmica exemplar.

[...] a situação da emergência que, advinda de uma apresentação assumidamente autoral, deve estar articulada com movimentos maiores, apostando nos plurivocalismos e nas formas coletivizadas. A reunião de alguns destes textos trabalha sobre o conjunto reunido de fragmentos de uma história recente e de seu futuro mais próximo, história que estivemos a investigar durante os últimos dois anos como parte do projeto bilateral CAPES /MINCyT. Um futuro que implica em colocar, como estratégia de ação regionalista e para além, via um estudo comparativo, tácita associação que busca fomentar, a partir dos resultados desse levantamento, uma política educacional que parte pelo reconhecimento dos sujeitos formadores, enfatizando a relação de pertença e os seus modos de presença no mundo contemporâneo. (p.3)

Observando que os critérios de eleição das revistas científicas exigem revisão permanente, no acompanhamento à própria dinâmica da produção e sua classificação, sempre atualizada e chegando aos nossos dias, este quadro requer, portanto, que a pesquisa sobre esse objeto, na captura de seu dinamismo, seja permanente, seguindo em atualização e profundidade de análise. A escolha pelo campo dos periódicos é estreita mas estratégica, considerando o intervalo 2000–2010 a década inaugural do século XXI, marcado por intensas mudanças no cenário político/ social, global/local e alterações no pensar, perceber e compreender a realidade.

Em etapa complementar da pesquisa, utilizamos como metodologia o levantamento de pesquisadores especialistas e suas publicações online por meio de ferramentas de busca na web como, também, das conexões existentes entre seus currículos na Plataforma Lattes². No ajuste ao escopo da pesquisa, lançamos na *web* as palavras-

chave “formação docente em artes visuais/plásticas” e “licenciatura em artes visuais/plásticas” afirmando o campo investigado por acréscimo dos resumos analisados e refletidos na ação do Observatório. As categorias iniciais – pesquisadores/autores, periódicos/revistas e publicações/artigos – firmadas no processo de pesquisa, extrapolaram suas fronteiras, se ajustando em uma única área e, articuladas em rede, implicam os temas da formação inicial, formação continuada, tecnologia digital, gênero, estágio e currículo na formação. Ainda devemos depurar esse material recolhido, e este exame em cuidado extremado se inicia ao tratarmos de uma leitura seletiva e aprofundada de cada uma dessas publicações e no exame de cada uma delas ocupa em sua composição desta área de investigação.

Destes campos de interesse surgiu o necessário aporte reflexivo a partir de uma metodologia que pudesse abarcar a noção de zona epistêmica, contemplando assim elementos de natureza topológica que cada texto produzia, culminando na escolha da cartografia como meio de construção e análise do mapeamento das regiões implicadas.

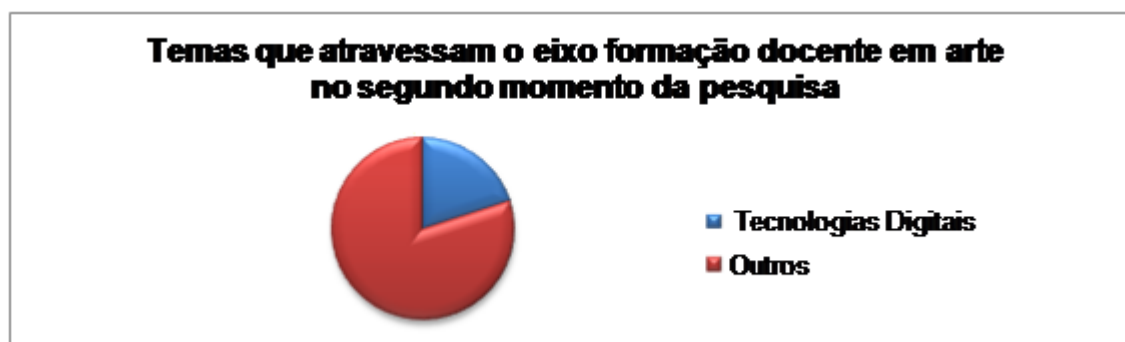
Segundo Kastrup (2014), a construção de um plano comum na pesquisa cartográfica se dá na transversalização de ideias, práticas, inclusões e participações, habilitando um território de investigação implicado na dimensão processual de conhecer, criar e dissolver pontos de vista preexistentes. Dessa forma, a equipe carioca assumiu o tema entendendo os aspectos moventes do processo como condição do comum que se constrói na interlocução de ideias e práticas e no enfrentamento permanente dos desafios constituídos.

[...] a cartografia aposta no acesso ao plano que reúne lado a lado a diversidade de vetores heterogêneos implicados na pesquisa: o pesquisador e seu campo de interlocuções acadêmicas e instrumentos técnicos, agências de fomento, compromissos políticos, alianças institucionais, bem como o objeto e suas diversas articulações. (KASTRUP, 2014, p17)

Nos primeiros quatro meses de pesquisa, a partir da busca por cruzamento entre periódicos e currículos dos seus autores, foram levantadas 66 (sessenta e seis) publicações que abordam a problemática da formação – inicial ou continuada – em artes (música, teatro, visual/plástica) em atravessamento com alguns temas como, por exemplo, questões de gênero, o currículo, artista/professor, estágio, entre outros.

Dentro deste total, apenas 10 (dez) publicações abordam as tecnologias digitais no processo de formação docente, sendo 02 (dois) artigos sobre formação de professores em música e 01 (um) sobre o uso da imagem no curso de Artes Visuais na EaD. Vale destacar também que dos 10 (dez) artigos, 05 (cinco) abordam os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, sendo 03 (três) sobre AVA e formação continuada e 02 (dois) na formação inicial em artes, estes pertencem aos mesmos autores. Durante esse período, foram utilizados recursos online como, por exemplo, a troca de informações por e-mail e a criação de um banco de dados organizado em planilha no Google Docs³ onde todos tem acesso aos dados coletados podendo editá-los. Neste cenário, os demais textos apresentam temas que despertam interesses em diferentes direções: arte contemporânea, cultura visual, gênero, multiculturalismo, história do ensino de arte, prática de ensino, estágio supervisionado, inclusão, propostas metodológicas.

No segundo momento, a partir da consulta aos 486 periódicos cadastrados na CAPES dentro da área do conhecimento “Linguística, Letras e Artes” apenas 11(onze) apresentam artigos que abordam a formação inicial do docente em artes visuais/plásticas na década estudada. Foram totalizados 30 (trinta) artigos nos 11 (onze) periódicos e dentre estes somente 06 (seis) abordam as tecnologias digitais no processo de formação docente. (Gráfico 1). O destaque às produções sobre tecnologia na formação é explicado pelo campo em crescente importância para o ensino da arte, como também para a formação do docente em arte. Numa época de convergência das mídias, narrativas transmidiáticas, imagens de síntese e arte/mídia, se faz urgente o debruçar sobre esse campo de estudo.



Percebemos que, na primeira década do século XXI, menos que um quarto das publicações em periódicos abordou o tema das novas tecnologias na formação docente em arte visual/plástica.

Em avanço na direção da pesquisa sobre formação docente em artes, o Observatório passa à terceira etapa do processo: o cruzamento das informações e nova análise dos artigos levantados nas etapas 01 e 02, em que consiste essa retomada aqui nesta comunicação.

O pensamento da formação vem do Sul

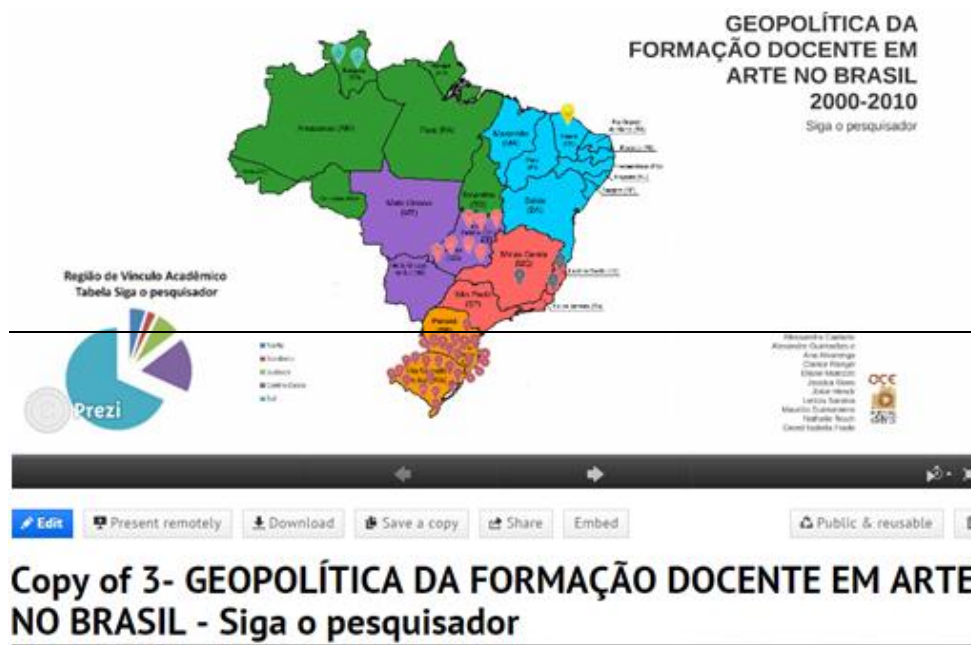
De forma a sistematizar a pesquisa sobre formação docente em artes realizada com base em revistas/ periódicos no período de 2000 a 2010, a equipe carioca elaborou três mapas divididos por regiões de maneira a localizar as publicações em seus respectivos territórios. Nos interessa proceder no exame dos vínculos acadêmicos, dos trânsitos e dos temas geradores das publicações assim como a disseminação do pensamento e o local da sua emergência.

Estando a pesquisa ancorada nas fontes acima citadas, o campo se define pelas vias selecionadas em separado e também pelo entrecruzamento e desdobramentos entre elas. A condição inicial de busca se estendeu para além das fronteiras preexistentes, permitindo a prática da problematização que traduziu, incluiu e moveu o processo de pesquisa. “Partindo do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade” (KASTRUP, 2014), a pesquisa foi se constituindo em plataforma construída e transformada pelo agenciamento coletivo de forças implicadas no processo. Aos pesquisadores coube a atenção “flutuante, concentrada e aberta” (KASTRUP, 2009) no lidar com as direções moventes coengendradas aos levantamentos de dados. A dinâmica atencional, segundo a autora, assume o caráter construtivista do conhecimento, constituindo-se em atenção aberta ao acolhimento do inesperado. Acessando elementos processuais do campo, o pesquisador atualiza e faz emergir um mundo que já existia na virtualidade. É esse o sentido do mapa que até o final do levantamento nos era invisível e que agora, se torna terreno a ser cuidadosamente estudado.

Os mapas que ora apresentamos conferem à pesquisa o caráter processual, demarcando paradas no movimento do pensamento em fluxo. Estão disponibilizados no *software online* Prezi¹ e fornecem informações iniciais sobre a formação docente em artes, compreendendo as décadas de 2000 a 2010. Entendemos a relevância do mapeamento no sentido de organizar e sistematizar o estudo sobre a formação, reu-

nindo dados e alavancando novos estudos relativos a área do Ensino da Arte. Segundo Fonseca da Silva² (2013), ao comentar o material levantado pelo nosso grupo carioca: “esses mapeamentos além de dar consistência e amplitude a área, nos auxiliam a embasar a necessidade de pesquisas sobre temas determinados, ou mesmo fazem emergir novas temáticas e linhas de estudo”.

À apresentação dos mapas somam-se os levantamentos de teses e dissertações, artigos publicados em anais de eventos, como também “um estudo sobre as ementas e bibliografias das licenciaturas nas universidades envolvidas (Brasil: UDESC, USP e UERJ e na Argentina: UNLP e IUNA)” (FONSECA DA SILVA, 2013) publicados no site www.observatorio.cead.udesc.br



Tomando por base o mapa intitulado “siga o pesquisador” algumas considerações serão feitas. Ao examinar cada um dos artigos do mapa verificamos que os temas relativos à tecnologia, EaD, inclusão, cultura visual, arte contemporânea e currículo estão na região Sul. É preciso destacar a existência de um único artigo sobre EaD no Sudeste, mais precisamente no Espírito Santo, de autoria de Soraya Mitsy Pereira Hamasaki da UFES. A partir das palavras-chave “educação a distância”, “tutorial EaD” e “avaliação EaD”, a autora reflete sobre a formação docente a partir de uma prática tutorial no curso de artes visuais, realizada em ambiente virtual. Outro desta-

que está na publicação do artigo “Licenciatura em Artes Visuais UAB/UnB: uma análise das possibilidades em cultura visual sob a perspectiva do pensamento complexo”, de Therese Hofmann-Gatti e R.A.C. Castro, da UnB. Os autores colocam em questão: “identificar e analisar os modos pelos quais a cultura visual norteia o processo de ensino/aprendizagem dos licenciandos” e “a cultura visual apresenta-se como um suporte para a cultura digital ou Cibercultura”. Em deslocamento aos Estados do Sul, os temas sobre EaD e cultura visual aparecem também nas regiões Sudeste e Centro. Talvez possamos afirmar que os temas emergem no Sul e se alastram pelas demais regiões. A EaD é um incentivo maior dentro de todos os outros temas e se constitui em território potente na seleção das produções em periódicos.

Os dois únicos artigos da região Norte/ RR, tiveram suas publicações em Santa Maria/RS, no ano de 2008, nos quais o processo de formação de professores para o ensino de Artes Visuais está pautado na memória curricular e na articulação de conceitos e conhecimentos artísticos à prática de estágio dos licenciandos. Temas como o lugar da imagem, memória, história, estágio supervisionado, práticas pedagógicas e propostas metodológicas têm suas publicações em todas as regiões, contudo os temas que envolvem tecnologia, gênero, EaD, cultura visual, inclusão e arte contemporânea fazem com que a diversidade prepondera na região Sul. O espectro de interesses é grande e potente na constituição de estudos demarcatórios para o campo do Ensino da Arte.

Segundo Fonseca da Silva (2013), a partir de promulgação da lei 5692/71, poucos são os estudos que se debruçam sobre o tema formação docente em Artes, o que torna o campo, na sua visão, desprovido de força e contornos bem definidos. A hipótese que sua análise levanta é de que o senso comum direciona os estudos sobre formação para o campo da Educação, deixando para o campo da Arte os relatos de experiências, os estudos sobre concepção de arte e seu ensino, processos artísticos, aspectos históricos e metodológicos. A autora reconhece a importância de todos os temas para a área, mas ressalta a necessidade de organizar uma base que sustente o “conhecer e reconhecer a área de Ensino da Arte no tocante à formação de professores” (Op.cit.). Nossa opinião é que a própria formação acadêmica do docente em Artes é um campo emergente e constituído por uma população que migra, exatamente, dos cursos de Pedagogia e área correlatas, com apoio de cursos livres

como o CIAE (Curso Intensivo de Arte Educação) da Escolinha de Artes do Brasil. Neste sentido, cabe muito mais ao grupo que se engaja neste processo de erguer um campo de atuação acadêmica em ensino, pesquisa e extensão e que, ainda, posteriormente, trata de consolidá-lo. Os temas de pesquisa e reflexão aprofundadas que deságuam nos periódicos derivam do compromisso em constituir a área como campo de saber autônomo, elencando seus pontos de força como currículo e metodologia, os estudos das teorias críticas da imagem e as próprias práticas artísticas praticadas na zona híbrida com a educação. Tudo estava por se estabelecer nestas décadas anteriores: esse campo de pesquisa da formação docente se dá a posteriori e requer maturidade acadêmica. E, em continuidade neste trabalho de consolidação, os pesquisadores seguem a tratar de seus temas constituintes sendo, então, estas as suas próprias diretrizes de investigação. Portanto, implicando no fato de que será a questão das tecnologias da comunicação que servirá como impulso maior para a escritura neste âmbito. Nossa própria perspectiva se define pela mirada histórica do processo de constituição do próprio campo e, neste olhar, examinar o que parece ser, portanto, o que explica seu interesse tardio: os estudos da formação se fazem como parte mais madura de todo esse processo. Na verdade, essa temática coroa todo o processo, na medida em que é um meta-estudo, ou seja, quando a Licenciatura em Artes Visuais produz um olhar sobre si mesma. Além disso, é ainda importante comentar, que não apenas a Licenciatura é hoje a preocupação da área de Ensino de Arte. Novos territórios de estudos estão sendo desbravados e explorados na ampliação do pensamento reflexivo sobre essa área de conhecimento. Um deles se faz pelos estudos e práticas da mediação, com a abertura de postos de trabalho junto aos centros culturais, museus e instituições correlatas.

Vimos no mapa que os temas relativos à contemporaneidade estão na base do pensamento sobre formação docente em Artes (2000 à 2010) concentram-se na região Sul. Questões sobre gênero, inclusão, tecnologia, cultura visual, arte contemporânea e EaD emergem na forma de indagações, inquietações, desafios e perturbações, incentivando novos estudos sobre metodologia, processos artísticos, arte e ensino. Diante da configuração dos mapas, parece evidente que o pensamento sobre a formação docente venha do Sul, considerando, inclusive, o aporte local na concentração das revistas e periódicos dotados de uma política editorial favorável aos estudos

da área. Cabe destacar a oferta de programas de Pós-Graduação que, mesmo recentes, seguem a potencializando o pensamento e a investigação.

Em uma pesquisa em profundidade, Ana Rita Araújo (2009) revela os números das universidades brasileiras que oferecem cursos de formação na área referida. Pelos dados arrolados se pode notar que os oferecidos por instituições públicas e que, reconhecidamente, oferecem pesquisa de ponta, estão concentrados em maior quantidade na Região Sul – desde o período inicial (1973 – 1979) com duas décadas com dados negativos e retornando em (2000 – 2009). Estão aqui indicadas as fontes desta formação e compreendidas, em seu processo histórico, sua maturidade.



**GEOPOLÍTICA DA
 FORMAÇÃO DOCENTE EM
 ARTE NO BRASIL
 2000-2010**

Plataforma Lattes/ CNPq



**Copy of 1- GEOPOLÍTICA DA FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTE
 NO BRASIL - Plataforma Lattes/CNPq**

À guisa de (in)conclusão: a contemporaneidade da docência em sua historicidade

Desde os primeiros cursos de formação de docentes em 1958 (VALENTE, 1993, BARBOSA, 2002) na Escolinha de Arte do Brasil até os primeiros cursos de formação universitária, em 1973, a figura ímpar do arte educador foi cultivada por um entendimento “interlinguagens”, de falas cruzadas entre teatro, pintura, dança, artesanato, desenho, modalidades de prática artística que Augusto Rodrigues ia trazendo ao cotidiano daquela pequena mas intensa esfera do experimental. A EAB ainda está ativa, mas perdeu o vigor propositivo da época, o que se explica pelo seu próprio movimento histórico. A entrada da arte na escola, enquanto disciplina, foi um sonho acalentado longamente por Augusto Rodrigues. Ele dizia que, quando a arte estivesse na escola como a matemática e a geografia, a “Escolinha” já não precisava existir (depoimento pessoal). Esse passo foi dado na década de 70, em plena ditadura através da Lei 5692/71. O primeiro curso universitário nasce em 1973 e, por estas quatro décadas, se consolida como campo específico de estudo e trabalho, ainda que guarde, desde a sua gênese, traços de uma interdisciplinariedade que soube cultivar e preservar. A relativa continuidade na abordagem entre as práticas formadoras das escolinhas de arte, ainda que não sejam os mesmos agentes educadores que chegassem à universidade (Ana Mae Barbosa, como discípula de Nôemia Varella é uma brilhante exceção e ainda Laís Aderne, marcante profissional da

área de artes cênicas), pode ser entendida através do movimento nacional das licenciaturas estudados por Heloisa Sampaio: “a criação da universidade no Brasil foi antes um processo de sobreposição de modelos do que de substituição.” (SAMPAIO Apud ARAÚJO, 2009, p.1) Ou seja, a formação nas licenciaturas seguiu a orientação já em exercício dos Institutos de Educação e os cursos livres das Escolinhas de Arte e, pouco a pouco, segue adquirindo feições próprias, se adequando ao modelo acadêmico progressivamente. Seu rol de disciplinas, ainda segundo Sampaio (op. cit.) é então um amálgama das áreas de Pedagogia, História da Arte, Filosofia e Psicologia. A área propriamente dita estava iniciando a sua constituição na força de lei e, poderíamos dizer, que esta nasce prematuramente? Carregaria sua fragilidade frente às outras área de conhecimento que estariam dispostas lado a lado na formação do novo educador em artes?

Lembrar nossa origem hoje é afirmar a liberdade democrática que conquistamos, é afirmar a diversidade construída por este elenco de temas que seguem a se ampliar e constituir novos grupos de interesses. Nossa hipótese para o prosseguimento desta pesquisa - que se pretende permanente - é que o leque de temas seguirá ainda a se abrir nestes próximos anos. Novos temas deverão surgir no aprofundamento destas correntes que se alinharam nos temas estudados nesta primeira década do séc. XXI, e que implicam no reconhecimento dos autores pioneiros que estamos a identificar e conhecer. Nos artigos que formam e formarão esta segunda década, da qual também participamos e participaremos, os fios abertos deverão se esgarçar e novas capilaridades vão ter lugar nesse trabalho de aprofundamento e crescimento da área.

Talvez guardemos certo resquício autoritário em nossa certidão de nascimento quando disciplinamos a arte e tratamos de tornar tudo explicado, justificado e organizado. A preocupação obsessiva com as metodologias das décadas anteriores requer uma análise mais profunda, mas poderia advir deste modelo autoritário que busca, acima de tudo, certezas. Hoje as TICs imperam nos nossos periódicos. Seria ainda uma continuidade nesta busca de estudos da metodologia? O que contam mais estes autores? Será preciso prosseguir e mergulhar nesta análise mais a fundo.

O nosso desejo da arte em renovar sua participação no rol de saberes escolares como caráter próprio de (in)disciplina, traço de configuração lúdica, vibrante e integrada às formas de produção cultural vigentes ecoa muitos discursos que a pedem viva no cotidianos de nossas saberes e fazeres (FRADE et alli, 2014). A arte não pode esquecer o seu vínculo com a liberdade e com o prazer e é exatamente esse instrumento de ligação profunda com a cultura viva do mundo que compõe o antigo sonho do artista; entre nós, cariocas, ressoam as obras indisciplinadas de Augusto Rodrigues que, ao ser convidado a pintar um painel na UERJ, compartilhou seus pincéis com uma turma de moleques (moleques não significando pejorativamente as brincantes criaturas, mas, ao contrário, em elogio à liberdade daqueles meninos em estarem ali na universidade sozinhos, flanando) que o observavam a pintar. Bagunça, disseram, que feio, opinaram outros. A imagem que deixaram não foi reconhecida como obra, em traços soltos e tudo muito colorido. Logo foi esquecida e apagada; uma atitude incompreendida na época e nas circunstâncias em que se deu. O importante, dizia Augusto, é que tinham eles tinham se divertido.

Notas

[1] <http://periodicos.capes.gov.br/>

[2] <http://lattes.cnpq.br/>

[3] “O Google Docs é um pacote de produtos que permite criar diferentes tipos de documentos, trabalhar neles em tempo real com outras pessoas e armazená-los juntamente com outros arquivos: tudo feito on-line e gratuitamente. Com uma conexão à Internet, é possível acessar seus documentos e arquivos a partir de qualquer computador, em qualquer lugar do mundo.” Disponível em: <http://support.google.com/docs/bin/answer.py?hl=pt-BR&answer=49008>. Acessado em, 28 de agosto de 2012.

¹ <https://prezi.com/w0j5qufzhs37/copy-of-3-geopolitica-da-formacao-docente-em-arte-no-brasil-siga-o-pesquisador/>,
<https://prezi.com/n6e-505gaof3/copy-of-2-geopolitica-da-formacao-docente-em-arte-no-brasil-plataforma-qualiscapes/>,
<https://prezi.com/c0j1wkbbf8fh/copy-of-1-geopolitica-da-formacao-docente-em-arte-no-brasil-siga-o-pesquisador/>
<https://prezi.com/w0j5qufzhs37/copy-of-3-geopolitica-da-formacao-docente-em-arte-no-brasil-siga-o-pesquisador/acao-docente-em-arte-no-brasil-plataforma-lattes-cnpq/>

² (<http://www.revista.art.br/site-numero-14/maria-cristina-rosa.pdf>)

Referências

ALVARENGA, Ana; HENCK, Joice. *Arte e educação por paisagens informacionais: a formação de docentes em arte na cibercultura*. <http://www.dialogosenmercosur.org/anales%20ii%20echttec.pdf>

ARAÚJO, Anna Rita. *Os cursos superiores de formação de professores de artes visuais no Brasil: percursos históricos e desigualdades geográficas*. In Anais XXXII Anped. < acesso em 3 de junho de 2015 > <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/gt24-5360--int.pdf>

BARBOSA, Ana Mae. *História da arte educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FRADE, Isabela; BUJAN, Federico. *O pensamento emergente na formação docente em arte: diálogos entre Brasil e Argentina*. <http://www.revista.art.br/site-numero-14/abertura.pdf>

_____; ALVARENGA, Ana; et alii *(In)Disciplina – o homem estojo e a universidade sem condição*. <http://www.isapg.com.br/2015/html/artes%20visuais.html>

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa. *Formação docente em arte: da formação nas licenciaturas à formação continuada*. <http://www.revista.art.br/site-numero-14/maria-cristina-rosa.pdf>.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; TEDESCO, Sílvia (org) *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano do comum*. Porto Alegre: Sulinas, 2014

VALENTE, Tamara Silveira. *O papel do professor de educação artística*. Educar em Revista, nº9, Curitiba, 1993. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-40601993000100009&script=sci_arttext <acesso em 5 de junho de 2015

Isabela Frade

Arte educadora e investigadora do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente do mestrado e doutorado em Arte e Cultura Contemporânea da UERJ. Procientista pela FAPERJ e líder do Observatório de Comunicação Estética GP-CNPQ.

Ana Alvarenga

Mestre em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora regente de Artes Visuais pela Secretaria Municipal do Rio de Janeiro. Integrante do grupo de pesquisa Observatório de Comunicação Estética/ UERJ/ CNPq.